

FACTOR R

RENEGADOS



SAGA FACTOR R #1

H. S. MOREIRA

Título Original: Factor R – Renegados

Autora: H.S. Moreira

Copyright © H.S. Moreira

Copyright © Editora Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Tânia Roberto

Revisão: Rita Félix

Coordenação de Marketing: Iara Andrade

Design Interior/Diagramação: Tânia Roberto

Design de Capa: Rafaela Silva

Imagens de Capa: Pexels © Abhilash Mishra © Amine M’siouri © Emiliano Arano

© Gantas Vaiciulėnas © Ming Sun © Vera

Unsplash © Clement Proust

Finalização: Aléxia Oliveira

Marketeer: Margarida Caçador

1ª Edição: outubro de 2024

Acabamento/Impressão: Printalia Gráfica

© 2024

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

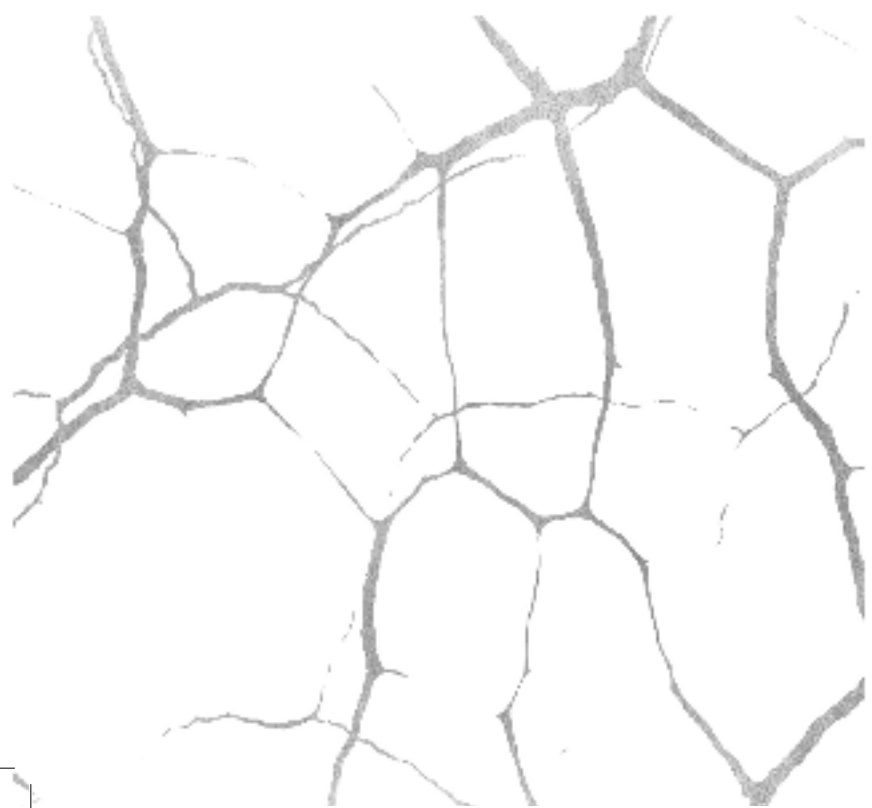
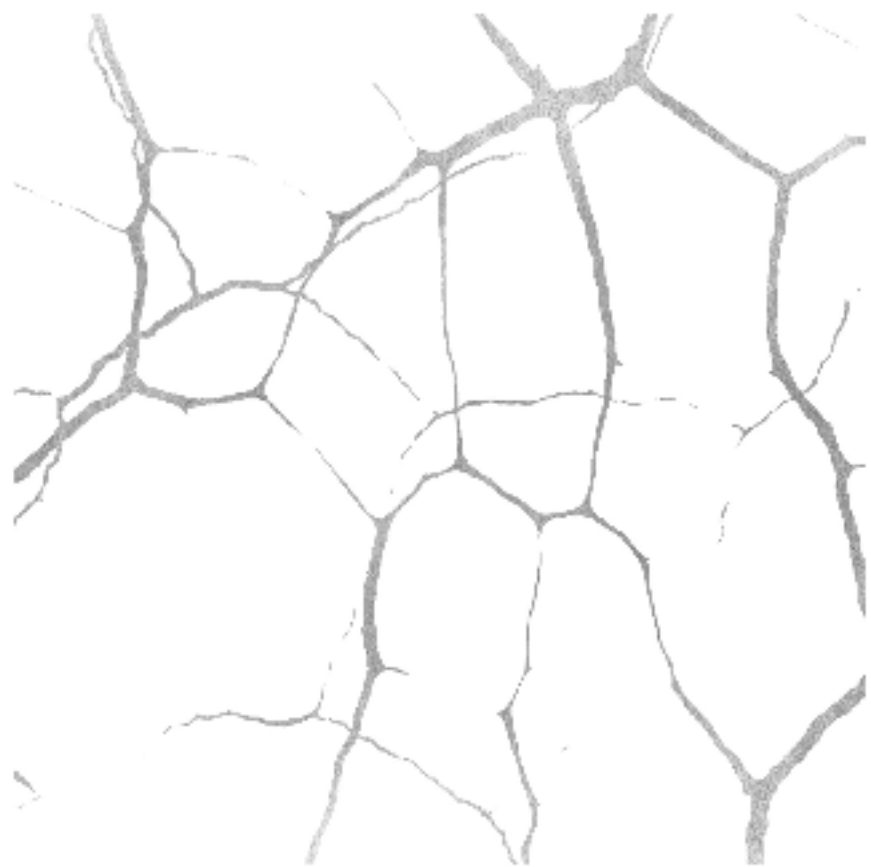
[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal: 538825/24

ISBN: 978-989-9166-88-2

NG
Editora
Nova Geração

A ti. Porque cada número te é dedicado, pai.



Nota de Autora

Um dos locais que é visitado pela primeira vez e descrito pela personagem principal, é meramente fictício. Não representa qualquer tipo de realidade.

DECRETO-LEI Nº 20/1050 PÓS QUEDA

ARTIGO 3.º

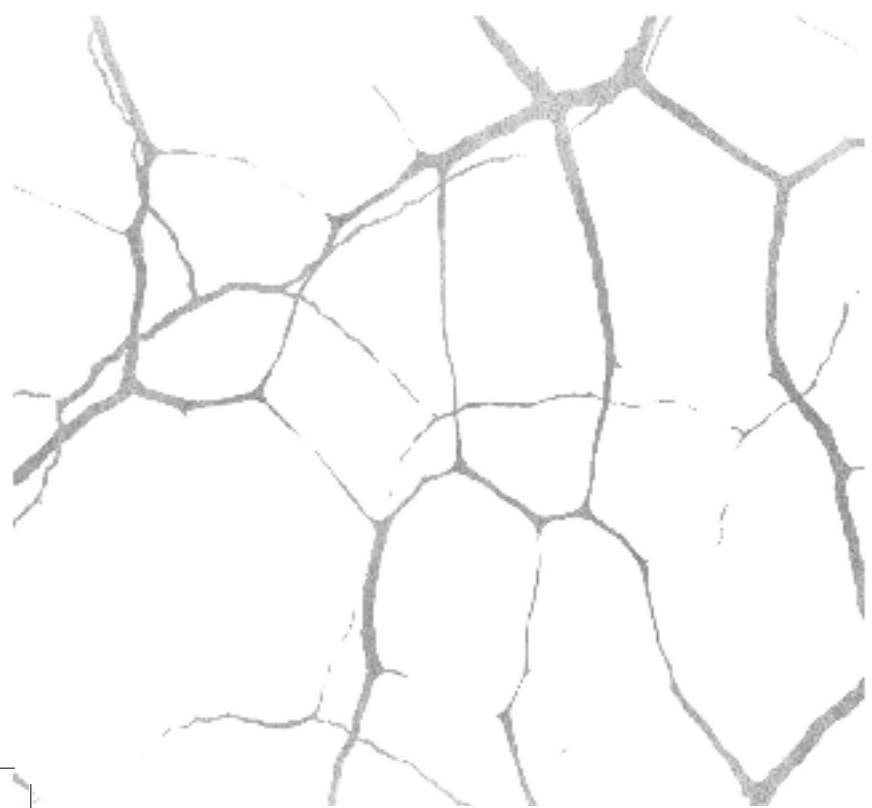
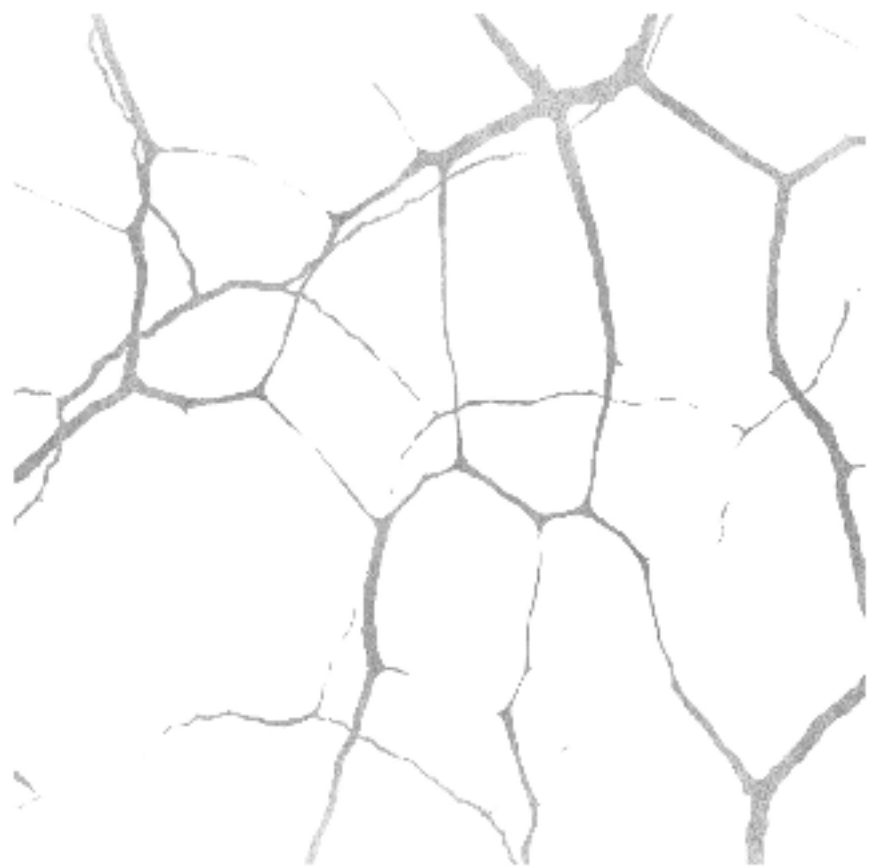
25.º O exame R é obrigatório para todos os cidadãos desde o primeiro ano de vida [...];

26.º Todo aquele que for diagnosticado com o Gene R será de imediato expulso de toda e qualquer Alda;

27.º As informações do cidadão com Gene R serão eliminadas do banco de dados [...];

(...)

30.º [...] os agentes da autoridade estão proibidos de matar qualquer Factor R [...];



R

1

HAIDI

DIA 31 DO ANO 3532 P.Q.

21H39

Ouvia-se o som dos meus passos de corrida no chão frio do largo corredor, observada pelas múltiplas pessoas retratadas nas fotografias e quadros de família, mesmo os que não tinham o sobrenome Belmont, como o de Dala Trofar, a antepassada mais longínqua. O peso dos seus olhares recaía sobre mim, ainda que incapazes de me demover do meu objetivo: o quarto dos meus pais.

Os pestinhas dos meus irmãos já lá estavam, com os seus pijamas castanhos, cheios de pequenos ursos, bem enroscados à nossa mãe, que vestia um pijama rosa, macio, no qual tanto gostava de tocar. Senti as bochechas a ficarem vermelhas, chateada por ver como os gémeos me haviam roubado o lugar. A minha mãe riu-se.

— Vem sentar-te aqui, meu amor. — Ela era linda, mesmo com o cabelo cobreado preso num coque desalinhado.

Ela esticou as pernas por baixo do fino lençol branco e separou-as para eu me sentar no meio. Subi para a cama, inicialmente a contragosto, sentando-me sob os meus pés descalços. Sentia a macieza da roupa de cama debaixo das pernas desnudas. Nas mãos da minha mãe repousava um tablet, do qual, inclinado, pude ver o título «Factor R — Versão Simplificada».

Iria começar a dar na escola, de forma mais aprofundada, a História sobre os Factor R, o que só acontecia após todos os alunos realizarem um novo Exame ao Gene R. Era tão aborrecido ter de o fazer todos os anos.

A professora Sécria sugeriu a todos os pais que nos comessem a contar a História e explicassem os aspetos principais. A professora costumava dizer que era essencial sabermos os erros do passado, como os Factor R

surgiram, quem eram e o que fizeram. Acima de tudo, era importante aprendermos a mantermo-nos longe do deserto, longe dos Factor R.

Não importava a instância: sair das Aldas era proibido.

— Vamos começar? — perguntou a minha mãe.

— O papá não vem? — perguntei, procurando por ele, com o olhar, na casa de banho privativa.

— Daqui a pouco já se junta a nós — informou, decidindo, por fim, a página em que deveria começar.

Não me agradava começar sem o papá, mas sabia que o seu trabalho era importante e não devia ser incomodado.

— O que sabem sobre os Factor R? — Levantei rapidamente a mão, primeiro que o Maxione. Ao lado da nossa mãe, o Garuel continuava com os olhos mais fechados do que abertos.

— São muito fortes. E rápidos. E são diferentes... — Não sabia exatamente como completar aquela frase. Tinha dito duas diferenças, mas parecia ser apenas isso. Eles eram iguais a nós em aparência, apenas mais altos.

— Por isso, eles... não podem estar aqui. — Os olhos verdes da minha mãe brilhavam com o riso provocado pela atrapalhão do meu irmão mais novo.

— Sim, é verdade. — Voltou o tablet para mim, mostrando as ilustrações de dois corpos humanos, o de um homem e o de uma mulher. — Têm várias diferenças físicas e psicológicas. Segundo o que se sabe, têm os sentidos mais apurados, como a visão, a audição... — O nosso quase adormecido irmão riu-se com as cócegas que a nossa mãe lhe fez na orelha descoberta.

Por isso é que gostava de ouvi-la contar histórias, tinha sempre uma versão diferente e um pouco mais suave. Mostrei-lhe um sorriso e abri bem olhos, observando-a rir com a minha ação.

— Eles foram criados para a guerra — informou a minha mãe. Mostrou-me outros slides lentamente. — E alguém sabe o que nos protege agora?

— As muralhas e as cúpulas! — A minha mãe assentiu com a minha resposta. O Garuel voltou a agitar-se por causa de eu estar a falar muito alto.

— Exatamente. Começaram a construir várias casas, que mais tarde se tornaram o que conhecemos como as Aldas Urbanas e Rurais.

Tudo fora criado do zero pelos primeiros cidadãos das Aldas. Só pensava em como deviam ter sido pessoas incríveis.

— E também nos protege dos Factor R, não é? — perguntei, ao que ela voltou a assentir.

— Sim, apesar de eles terem surgido mais tarde, devido a uma guerra e à mutação do Gene...

— O Gene R! — murmurou o Maxione. O Garuel nem se mexeu.

— *Sim. E isso deu-lhes capacidades que excediam as de um ser humano normal, para o ocidente ganhar a guerra contra o oriente.*

— *Mas mesmo assim eles não podiam viver aqui?*

— *Claro que não. — A resposta não veio da minha mãe.*

Vi o Garuel levantar a cabeça, antes de me voltar para ver o nosso pai. Observei que numa mão trazia a gravata, enquanto com a outra desfazia o primeiro botão da impecável camisa branca.

— *Papá!*

Gatinhei até à ponta da cama, onde ele se sentou e abracei-o. Ainda cheirava a água-de-colónia, mas, apesar do bom cheiro, o aspeto não estava melhor. Os olhos azuis estavam escuros por baixo.

— *Mas por que razão é que os Factor R não podem viver aqui nas Aldas? Eles antes ajudaram. — O meu pai limitou-se a encarar-me.*

Observei-o a ajeitar alguns fios do cabelo preto, da mesma cor que partilhava com os meus irmãos. Fazia-o sempre que nos queria explicar algo complicado. Pelo menos, era o que dizia a nossa mãe.

— *Porque eles têm regras e não aceitam as nossas condições para vivermos todos em paz. — Não entendia porque era necessário haver condições específicas para eles. — E não querem aceitar o Teste à Alma Gémea, as leis da nossa sociedade... Nem deixam as nossas ciências estudá-los para os ajudar com o seu gene mutante. Recusam-se a colaborar! Por isso, não têm o direito de viver junto dos restantes cidadãos...*

— *Airon...*

Com a reprimenda da minha mãe, o meu pai apercebeu-se que nenhum de nós estava a gostar muito do seu tom. Suspirou e sorriu, passando a mão sobre os meus cabelos, da mesma cor que os da sua esposa.

— *Para que não voltem a acontecer coisas más, temos todos de trabalhar em conjunto e os Factor R não querem. Preferem que seja tudo à maneira deles e não pode ser. Percebem? — Assenti várias vezes. — Eles fizeram coisas más e precisam de ser castigados.*

Percebia o que o meu pai queria dizer, mas continuava confusa em relação a algumas situações. Se eles nos ajudaram, por que tiveram de ser impostas tantas regras? Por que simplesmente não os deixaram viver à vontade? Se eles não queriam obedecer às leis, poderiam apenas ser punidos, como todos os que as quebravam.

Acabei por guardar todas essas dúvidas para mim, esperando para perguntar à professora.

— *Pode ser que um dia eles mudem de opinião. Ou nós — murmurou a minha mãe.*

— *Nós não temos de mudar nada. Se foram expulsos para o deserto por alguma razão foi. Precisamos é que aceitem colaborar connosco e que estejam dispostos a ser estudados. Os nossos cientistas estão mais do que aptos para isso!* — *Puxei a camisa do meu pai, percebendo que ia começar a discutir, mais uma vez, com a nossa mãe. Olhou para mim e depois para os gémeos. Também eles estavam encolhidos.* — *Desculpem... Não queria assustar-vos.* — *O seu beijo e abraço fizeram-me esquecer a sua atitude.*

— *Está é na hora de irem dormir.*

— *Mas mãe... — lamentei em coro com o Maxione.*

— *Já está a ficar tarde, sim? Amanhã a mãe conta-te mais, Haidi.*

O amanhã nunca chegou para a nossa mãe.

No silêncio da noite, a minha mãe falecera.

Ninguém estava à espera. Ela guardava segredo sobre o seu problema de saúde, até do meu pai. Ouvi o próprio comentar que ela desaparecia bastante, o que mais tarde se revelou serem diversas idas ao hospital. Todos notámos que estava mais magra, mas sempre fora esse o seu físico natural. Somente parecia mais abatida. Mas vi-a sempre a sorrir.

Todo aquele dia e parte das minhas memórias sobre ela não passavam de um borrão negro, pedaços soltos que praticamente não tinham ligação entre si e pareciam não me dizer nada. E, tal como aquele caixão de ferro, selei-as.

Cresci com a sua ausência, compartilhando uma enorme casa com dois irmãos barulhentos e um pai ainda mais ausente. E conheci a Rytha Price; alegre e cheia de vida, que preencheu os meus dias com risos.

Somente a Rytha sabia e partilhava da minha opinião sobre a História dos Factor R, custava-nos perceber a sua exclusão. Não a compreendíamos. Não os deixávamos de temer, principalmente pelas invasões e assaltos, vandalismo e todos os atos que não abonavam a seu favor. Só não nos deixávamos de questionar sobre diversos porquês.

R

2

HAIDI

DIA 245 DO ANO 3537 P.Q.

17H05

Saí do edifício oval da Alda Central com um tremendo nó no estômago, tendo como objetivo a saída aberta na muralha cinzenta. Não sabia como encarar o meu pai após o meu resultado do Teste da Alma Gémea. Isto nunca acontecera na nossa família e tinha de começar precisamente comigo?

Era suposto chamar o nosso motorista, mas precisava de ficar sozinha. A todos os que foram fazer o teste comigo, esperavam-lhes parentes ou uma paragem de autocarro, onde aguardariam pelo transporte com um enorme entusiasmo.

Cabisbaixa, escutava os gritos de um pequeno número de pessoas escoltadas pela polícia bradando palavras como *injustiça* e *igualdade*. Reparei nos cartazes com mensagens e uma espécie de símbolo com mãos, que não consegui perceber corretamente. O restante, ignorei, jurando ouvir *Factor R* no meio do palavreado.

Não consegui evitar olhar mais uma vez para o resultado no telemóvel esperando uma mudança, nos segundos em que não lhe prestara atenção, mas simplesmente vi as letras néon na tela transparente a mostrar a realidade.

O que significaria não ter uma Alma Gémea? Que tipo de destino me esperava? Devia ligar à Rytha e pedir-lhe uma opinião? Ela fez o Teste e sabia com quem ficaria no seu futuro...

Com um suspiro voltei a pegar no telemóvel quando este tocou, passando o dedo pela tela fina para o desbloquear. Era uma mensagem da Rytha:

Já saíste? Como foi?! Quem é?!

Nem tive tempo de responder à primeira mensagem, um alerta surgiu no telemóvel avisando-me de uma segunda:

Vais ter de me contar tudo! Vou ter a tua casa.

Percebi como a minha mão tremia por de trás da tela transparente. Bloqueei o aparelho e dobrei ao meio aquele que era o meu novo telemóvel, guardando o dispositivo no bolso das calças. Só de pensar que o meu pai o comprou para celebrar um suposto bom resultado, mexia-me ainda mais com os nervos.

Continuei a caminhar e passei lentamente a ponte que ligava a Alda Central e a Alda 29, deixando a muralha para trás e encarando os prédios da cidade, enquanto a água deslizava em volta das estruturas que elevavam as Aldas. Ao lado, os carros passavam por mim, apressados. Sentia saudades do campo. Qualquer uma das sessenta e cinco Aldas Rurais servia, só para fugir de qualquer uma das agitadas quarenta e cinco Aldas Urbanas.

Quando pisei o chão cinzento da cidade, podia jurar ter visto um autocarro com alguns dos rostos que vira sair do edifício da Alda Central, ainda sorridentes. Ignorei-os e continuei a caminhar.

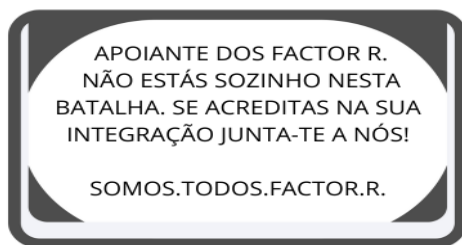
Entrei por um dos vários becos entre as casas. Percebi que foi limpo há pouco tempo, tal como outros por onde passei, passando pelos atalhos das várias ruas divididas em quarteirões quadrangulares. Eram os únicos locais onde a vegetação não estava presente e as portas não davam para as movimentadas avenidas.

Não queria chegar a casa e ver-me questionada sobre o resultado do Teste. A cada passo, o peso das palavras tornava-se pior, aumentando até não me deixar respirar. Com o corpo trémulo, levei uma mão à parede do beco, para evitar cair quando o fôlego se tornou irregular. Tentava ter calma, mantendo os pensamentos negativos longe, mas parecia impossível.

Passou-se um longo momento no qual me foquei apenas na minha respiração.

Para dentro e para fora. Para dentro e para fora, Haidi.

Só quando o tremor passou e baixei a mão, é que reparei que esta estava sobre um dos painéis onde passava uma publicidade. E aquele apresentava uma mensagem inesperada:



Os desenhos do painel continham um vibrante vermelho e um suave amarelo, juntamente com a Alda Central no fundo em cinzento. Por outro lado, a mensagem era simples e direta, com letras negras, grandes e redondas, a qual me deixou chocada.

Deparara-me uma vez na televisão com palavras semelhantes, escritas na camisola de um homem detido pela polícia. Aquela propaganda também não deveria ser permitida.

O som do meu telemóvel sobressaltou-me e dei um passo para longe da parede como se esta tivesse aquecido. Olhei para o aparelho e franzi o sobrolho ao nome que piscava. *Pai.*

Deixei-o tocar e ergui novamente a cabeça. A mensagem desaparecera. No seu lugar estava uma bela mulher a apresentar peças de roupa, desfilando de forma elegante. Não entendia o que se estava a passar.

O meu telemóvel parou e apressei-me a colocá-lo no silêncio. Apertei a alça da mochila e retomei a caminhada, pensando mais uma vez no resultado e em como o revelaria à minha família. Porém, a rua movimentada por onde entrara, o barulho das pessoas e do trânsito não ajudavam com o meu estado de nervos.

Para me afastar dessa zona comecei a caminhar até à praça, da qual se via o verde da relva e a cor das flores nos canteiros cuidados. No entanto, estava a ser complicado com todas aquelas pessoas no meio da rua de um dos quarteirões, obstruindo o passeio calcetado.

Os sons à minha volta eram difusos. O meu estômago parecia torcer-se, deixando-me enjoada. Cada passo em direção à praça, tornava o seu contorno familiar mais nítido, apesar de a minha cabeça estar um caos. A minha respiração voltou a ficar pesada. O meu corpo estava a responder ao turbilhão

de sentimentos. O som cessara de existir, como se tudo em mim se tivesse fechado para o mundo, deixando um silêncio perturbador na minha cabeça...

Abri os olhos quando um grito soou perto, quebrando aquela barreira. Assustei-me e, conseqüentemente, tropecei, fixando o asfalto e o beiral de pedra branca do passeio. De joelhos no chão e as mãos a arder com o impacto, olhei em volta, tentando compreender de onde viera aquele som.

Um desconhecido som ruidoso e forte preencheu o ar, seguindo-se de mais gritos desesperados. Ao longe, o chiar de pneus fez-se ouvir, seguido do som das armas de choque.

Antes de me conseguir mexer, com os pensamentos baralhados pela confusão, ecoou o mesmo som assustador, seguido do som de passos de corrida.

Ouvi novamente o som elétrico das armas da polícia e continuei agachada por precaução. O barulho parecia estar muito perto. Tentei levantar-me e consegui, a custo. Tinha os joelhos dormentes.

Repentinamente, senti um braço forte à volta do meu corpo e fui praticamente elevada no ar, levando-me a gritar. Tudo à minha volta se tornou num grande borrão de cores e imagens disformes. Não conseguia perceber quem me arrastava para fora do local onde caíra, levando-me para a segurança de uma longa e estreita rua.

A arfar, com o terror preso na garganta, levantei a cabeça para fitar quem o fizera. Deparei-me com um homem, alto e corpulento, mas não lhe conseguia ver as feições. O reflexo do sol brilhava sobre os meus olhos, ocultando-o.

Sem me dar tempo de reagir, as suas mãos empurraram-me para trás, encostando-me contra a parede. Com o sol agora oculto pelos prédios, consegui vê-lo a observar um ponto específico, de sobrolho franzido.

Deixei-me deslizar pela parede, aterrada, com as pernas moles e o coração aos saltos. Ele continuava diante de mim, sem se afastar. Continuava a olhar para a rua agitada, sem se afastar da esquina. E com o rosto de lado, era possível ver a ponta mais bicuda da sua longa orelha.

— Merda... — praguejou.

Tentei levantar-me de forma discreta, acabando por não conseguir evitar desequilibrar-me. Ele pareceu recordar-se da minha presença, encarando-me com os seus olhos escuros. Jurei ver a sua pupila arredondar, após esta me parecer uma linha fina no meio do olho, como se fossem os olhos de um gato.

— Devias ter fugido como toda a gente!

Não sabia o que lhe responder diante do súbito grito. Até que fez um sorriso torto e afastou os cabelos loiros da testa suada, revelando ainda mais as orelhas compridas. E as suas mãos... Da ponta dos dedos brotavam linhas avermelhadas.

— Ah, já percebi... — Atirou a minha mochila para junto dos meus pés e afastou-se. Esquecera-me completamente dela. — Não tens de *agradecer*. — E após me lançar um olhar de escárnio, voltou a correr, numa velocidade inumana, para o lado oposto de onde viéramos.

Encostei a mochila ao peito, sentindo-a molhada e apercebendo-me de que a minha garrafa de vidro se havia partido com o impacto. Respirei fundo e olhei para onde ele tinha desaparecido. Nem sinal daquele homem.

As minhas pernas ainda tremiam, mas, aos poucos, consegui levantar-me, continuando a ouvir a confusão na rua principal. De pé e ainda com o coração na garganta, caminhei lentamente até à avenida movimentada, onde vi outro carro da polícia a passar, antes de ouvir uma grande agitação vinda do local onde estivera parada momentos antes...

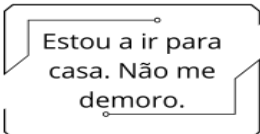
Aquele Factor R salvou-me de ficar presa entre uma parede e um veículo que se despistara. Felizmente, todos pareciam bem, mas eu não teria sobrevivido. O pensamento arrepiava-me.

Olhei para trás, tentando ver o meu salvador. Não esperava aquela atitude por parte de um Factor R, não com tudo o que sabia a seu respeito. Eles ceifavam vidas, não as salvavam.

Trémula e com mil pensamentos, afastei-me, caminhando na direção oposta. Tentava manter-me de pé, seguindo junto à parede caso as pernas cedessem só de pensar que quase morrera.

No instante em que coloquei a mão no bolso das calças, senti um ardor. Olhei para ambas as palmas e estavam esfoladas pela queda. O medo não me permitira sentir nada, mas agora que o meu corpo se acalmava, até os joelhos começavam a latejar de dor. Olhei para eles e pelo menos as calças brancas estavam apenas sujas de poeira.

Apesar do ardor, consegui puxar o telemóvel para fora do bolso. Precisava de abafar aqueles pensamentos por um instante. Não hesitei em enviar uma mensagem à Rytha:



Estou a ir para casa. Não me demoro.

Comecei a percorrer a rua a passos largos — ou pelo menos como conseguia. Precisava de contar tudo à minha amiga: sobre a força brutal dele, a sua velocidade, o salvamento... Ele elevou-me do chão como se eu não pesasse nada! Como conseguia ter aquela força? A rapidez?

Precisava de pesquisar mais a fundo sobre os Factor R, perceber que outras habilidades possuíam. E o porquê daquelas linhas nas mãos. Perguntava-me se apareceria algo nos fóruns — isto antes de serem apagados. A História tinha poucas descrições sobre eles e as poucas existentes não me bastavam. Acreditava ser algo que valia a pena saber mais.

Perguntava-me se o meu pai iria achar piada à minha súbita curiosidade.